

DEMOCRACIA E ESTADO - A PERSPECTIVA PROTESTANTE E CATÓLICA NO BRASIL NA DÉCADA DE 30.

Agemir de Carvalho DIAS (Fepar)
Fernando Raphael Ferro de LIMA (UFPR)

Na primeira metade do século XX no Brasil já havia uma pequena e importante comunidade protestante representada por diversas denominações (presbiterianos, metodistas, batistas, congregacionais, anglicanos e luteranos¹). Os protestantes no Brasil e na América Latina se aliaram aos agrupamentos mais liberais e anti-católicos no seu projeto de inserção missionária e tornaram-se defensores de um modelo de democracia para o Brasil e para a América Latina inspirado no modelo da democracia liberal dos Estados Unidos. Por sua vez, o catolicismo brasileiro logo após a proclamação da República, que decretou a separação entre Igreja e Estado, começou a se rearticular em um projeto de “recatolicização” do Brasil procurando influenciar na esfera política.

A articulação continental das missões Protestantes aconteceu através do Comitê de Cooperação para a América Latina (CCAL), que tinha sede em Nova York e que era uma organização ligada ao Conselho Nacional de Igrejas dos Estados Unidos e que reunia as principais missões protestantes que atuavam na América Latina e também da Associação Cristã de Moços (ACM) e seus escritórios regionais. A CCAL e as ACMs ajudaram a formar um pequeno, porém, atuante agrupamento de pensadores latino-americanos que formaram o núcleo de uma intelectualidade protestante latino-americana. No primeiro momento, os principais intelectuais foram missionários americanos ou europeus que começaram a pensar o problema sociopolítico latino-americano. Um dos mais importantes desses intelectuais foi o missionário escocês John Mackay, que atuou no Peru, sendo amigo de Haya de la Torre e de Carlos Mariategui. Mackay defendeu que os protestantes deveriam estar atentos ao *Outro Cristo Espanhol*, caracterizado como sendo uma religiosidade cristã nacionalista e liberal, diferente do Cristo passivo da Igreja Católica Colonial submetida ao regime de padroado.

Os protestantes acreditavam que na América Latina o grande contraste era entre a democracia associada ao progresso, defendida por eles, e o autoritarismo associado ao atraso, defendido pela Igreja Católica Apostólica Romana. Para o protestantismo, essa luta se dava na consciência e por isso o maior sinal de uma democracia verdadeira era a separação entre Igreja e Estado.

Em 1947, em um artigo publicado na revista americana *Theology Today*, John Mackay fez uma avaliação do catolicismo na América Latina estabelecendo uma tipologia do renascimento católico, dividindo-o em três tendências:

- renascimento de caráter marcadamente político, como o que ocorria na Argentina;
- renascimento intelectual, como o que ocorria no Chile;
- renascimento em uma forma sociológica, como o que ocorria na Costa Rica.

La iglesia argentina, 60% de cuyo clero son españoles por nacimiento, representa el catolicismo hispánico en su forma más clásica e terrible. Su pasión es el poder, el poder obtenido, ejerciendo presión externa sobre el

¹ Na análise que fazemos aqui deve-se distinguir que estamos falando sobre o protestantismo tipificado como de missão. Estão excluídos da análise os pentecostais e luteranos. Os pentecostais por não se manifestarem politicamente, não havendo fontes disponíveis que permitam uma análise do seu pensamento político no período estudado e os luteranos por seguirem outra trajetória ligada a ideologia do pangermanismo o que levou muitos deles a serem simpatizantes de ideologias autoritárias como o nazismo.

gobierno; poder sobre las instituciones de la sociedad; poder en el orden cultural; poder que se relaciona con las fuerzas armadas de una nación. [...] El renacimiento católico romano en la esfera *intelectual* está representado por grupo de personas pertenecientes al clero unos, y laicos otros, en varios países, y los cuales se dedican a la enseñanza de las doctrinas de Santo Tomás de Aquino. Forman parte del movimiento neotomista cuyo sumo sacerdote es el distinguido católico romano francés Jacques Maritain. [...] Este renacimiento intelectual empieza ya a influir en hombres y mujeres de todas las clases de la sociedad, y está contribuyendo a tender un puente sobre el golfo histórico y trágico que ha existido entre la religión por una parte, y la vida y el pensamiento por la otra. No es cosa de sorprendernos el saber que este movimiento es anatema a los ojos del catolicismo político. [...] representa el impacto del catolicismo norteamericano sobre la religión de la América Latina. Fomenta un grande interés por los problemas sociales, a los cuales el catolicismo tradicional latinoamericano no concedía prácticamente ninguna consideración.²

No Brasil, encontraremos os três modos do renascimento católico. O renascimento intelectual encontrou no Centro Dom Vital (1922) o seu espaço de florescimento. Jackson de Figueiredo (1891-1928) iniciou esse renascimento ainda em uma postura conservadora e fundou a revista *A Ordem* (1921) para ser porta-voz do grupo intelectual católico. O pensamento de Figueiredo foi influenciado pelos escritos de Charles Maurras (1868-1952), ligado à Action Française. No Centro Dom Vital, Jackson de Figueiredo foi sucedido por Alceu Amoroso Lima, que usava o pseudônimo Trystão de Athaide nos seus escritos.

A influência de Jacques Maritain (1882-1973) sobre o pensamento de Alceu Amoroso Lima marcou o afastamento entre os pensadores católicos do Centro Dom Vital e o pensamento de direita, que no Brasil da década de 1930 sofreu influência principalmente do movimento integralista. Alceu Amoroso Lima foi a principal liderança católica leiga da década de 1930 até a década de 1970, dirigindo o Centro Dom Vital, a revista *A Ordem* e, por muitos anos, a Ação Católica. Foi também um dos fundadores da Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Como exemplo do renascimento político católico, temos a fundação, por Dom Leme, da Liga Eleitoral Católica (LEC), um movimento suprapartidário com o objetivo de aprovar na Constituinte de 1934 as teses católicas. O presidente da LEC foi o ex-ministro Pandiá Calógeras e o secretário geral, Alceu Amoroso Lima:

Igreja e Estado. A LEC foi uma organização suprapartidária imaginada por Dom Leme, em 1933, para fazer na República Nova, de 30, o que os católicos não haviam logrado realizar na República Velha.³

A oportunidade da Constituinte de 1934 de recatolicizar o Brasil, defendida pela Liga Eleitoral Católica, foi vista como um perigo para as igrejas evangélicas, que em 1931 formaram a Federação de Igrejas Evangélicas do Brasil, para, entre outras coisas, contrapor-se à influência da Igreja Católica no governo Vargas.⁴

² MACKAY, John A. Iberoamerica revisitada. In: _____. *El otro Cristo español*. Mexico: Casa Bautista de Publicaciones, 1952.

³ VILLAÇA, Antonio. Carlos. *O desafio da Liberdade*. Rio de Janeiro: Agir, 1983, p. 111.

⁴ Silas Luiz de Souza lembra que o Mackenzie College, em São Paulo, foi transformado em enfermaria para atender os revolucionários constitucionistas, sinalizando um apoio dos presbiterianos paulistas à

A proposta da LEC para a Constituinte de 1934 foi uma plataforma com dez pontos:

1. Promulgação da constituição em nome de Deus;
2. Não aceitação do divórcio e reconhecimento do casamento religioso com efeitos civis;
3. Incorporação do ensino religioso nas escolas públicas;
4. Assistência religiosa aos militares;
5. Liberdade de sindicalização (reconhecimento para os sindicatos católicos);
6. Equivalência entre o serviço eclesiástico e o militar;
7. Legislação do trabalho inspirada na doutrina social cristã;
8. Defesa da propriedade individual;
9. Garantia da ordem social contra as atividades subversivas;
10. Combate a qualquer legislação que contrarie a doutrina católica.⁵

A reação evangélica a LEC se deu através de um manifesto conclamando os evangélicos a votarem nos candidatos comprometidos com a Democracia e com algumas teses que consideravam necessárias para a formação de um Brasil moderno. No Rio de Janeiro, em 1932, lançou-se um memorial assinado por 20 pastores evangélicos conclamando a participação dos evangélicos na eleição da Constituinte. Silas Luiz de Souza descreveu que o memorial defendia as seguintes teses:

Quanto à ordem política defende-se: 1) “a forma presidencialista republicana”; 2) “a verdade eleitoral absoluta, baseada no voto secreto”; 3) “justiça popular, rápida e gratuita”; 4) “completa laicidade do Estado e, conseqüentemente, a do ensino oficial”.

Quanto à ordem social propõe: 1) absoluta liberdade de pensamento e sua manifestação; 2) regime cooperativista nas relações entre operário e patrão, participação dos empregados nos lucros, assistência médica e judiciária; 3) proteção à família, com casamento civil gratuito, divórcio, reformatórios para mulheres, cuidado com a infância e velhice; 4) educação popular obrigatória para todos, com programa mínimo nas escolas de todo o país, instrução secundária, profissional e superior acessível aos menos favorecidos; 5) pacifismo.⁶

Paul Freston avaliou que a ofensiva católica levou o protestantismo ao *laicisismo* e a uma posição de esquerda *moderada*.⁷ Os resultados da Constituinte foram saudados como uma vitória pelo cardeal Leme e por Alceu Amoroso Lima, principal líder da LEC: “A LEC viu-se inteiramente vitoriosa. Mas, tendo Alceu comentado com dom Leme esse triunfo inequívoco, o

revolução. SOUZA, Silas Luiz. *A face da responsabilidade social do protestantismo brasileiro em meados do século XX*. Disponível em: <www.cehila-brasil.com.br/Biblioteca/Arquivo_125.doc>. Acesso em: 23 jan. 2007.

⁵ CÔRTEZ, Norma. Católicos e autoritários. Breves considerações sobre a sociologia de Alceu Amoroso Lima. *Revista Intellèctus*. Disponível em: <<http://www2.uerj.br/~intellectus/Frames.htm>>. Acesso em 23 jan. 2007.

⁶ SOUZA, Silas Luiz. *Pensamento social e político no protestantismo brasileiro*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006, p. 70.

⁷ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment*. Campinas. Tese de doutorado. Unicamp, 1993, p. 154.

Cardeal brandamente o repreendeu. A verdadeira e única vitória do cristão estava na Cruz de Cristo...”⁸.

O pastor metodista Guaracy Silveira, que foi constituinte em 1934, fez outra avaliação do resultado dessa assembléia no que diz respeito às pretensões do catolicismo:

Podemos afirmar, sem receio de contestação, que a situação jurídica da Igreja Evangélica melhorou considerável e sensivelmente na constituição vigente. No antigo regime os favores eram concedidos à igreja tradicional do país como um direito à chamada maioria católica.

[...] As emendas religiosas de 1926 eram piores para nós os evangélicos. A declaração de maioria católica abria porta à caudal de concessões ilegais. As de 1934 foram extensivas a todos os credos.

[...] Em resumo, podemos afirmar algo confortador. Houve uma luta que testificou a impotência católica. Sendo “a religião da maioria” (era o que se dizia), precisou de se aborçoar ao Estado, confessando sua fraqueza e quase falência moral. Não logrou impor, todavia, as suas pretensões absurdas.

A situação atual fixada na carta de Julho deu ao romanismo de direito o que ele já gozava de fato, mas concedeu às igrejas evangélicas de direito o que elas já começam a gozar de fato, em pé de igualdade com a religião católica.

Como já vimos, a intenção de recatolicização do Brasil se desenvolvia em diversas frentes, com a direção do cardeal Leme e a colaboração de líderes leigos como Alceu Amoroso Lima, defendendo uma plataforma conservadora. Por sua vez, os evangélicos advogavam um aprofundamento da democracia no espírito do credo social das igrejas americanas. Para o catolicismo, a aliança com o Estado era essencial. Para os evangélicos brasileiros, o importante era a estabilidade jurídica e a igualdade de condições, como defendeu o deputado Guaracy Silveira. A necessidade de um Estado forte que defendesse os seus interesses levou o catolicismo, nesse período, a se aproximar de correntes políticas autoritárias, como o integralismo. As ligações entre o integralismo e a Igreja Católica foram estudadas por diversos pesquisadores.¹⁰

Com pequenas exceções, o integralismo não gozou de grande simpatia entre os evangélicos brasileiros. Essa corrente política e ideológica recebeu condenação de diversos líderes evangélicos. Em 1936, a Assembléia Geral (AG) da Igreja Presbiteriana do Brasil, por causa de uma consulta sobre a participação no movimento integralista, recomendou que os seus membros deveriam realizar os seus deveres como cidadãos, que não competia à AG opinar sobre ideologias e partidos políticos, mas que os membros “*nunca deveriam adotar qualquer ideologia que atente contra os princípios evangélicos da liberdade civil, e de consciência e da ordem e paz sociais*”.¹¹ Silas Souza informa que, em 1937, o jornal *O Puritano*, da Igreja Presbiteriana do Brasil, estampou um artigo em que condenou veementemente o integralismo:

⁸ VILLAÇA, Antonio Carlos. *O desafio da Liberdade*, p. 115.

⁹ SILVEIRA, Guaracy. *A Constituição Brasileira e a Questão Religiosa. Sacra Lux*. Volume II. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1936.

¹⁰ OLIVEIRA, Rodrigo Santos. “*Perante o tribunal da história*”: o anticomunismo da ação Integralista Brasileira – 1932-1937. Dissertação de mestrado. PUC Rio Grande do Sul, 2004. Ver também TONINI, Veridiana Maria. *Uma relação de amor e ódio: o caso Wolfran Metzler – Integralismo, PRP e Igreja Católica (1932 – 1957)*. Dissertação de mestrado. Universidade de Passo Fundo, 2003.

¹¹ NEVES, Mário. *Digesto Presbiteriano: Resoluções do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil*, de 1888 a 1942. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1950, p. 200. Grifos nossos.

Passando o tempo, a condenação ao integralismo se tornará explícita. Já em 1937, um artigo condenava o integralismo por ser contraditório, confuso, intolerante, julgar “os homens pela cor da camisa”, estabelecer divisão entre os brasileiros onde os privilegiados são os de camisa verde, por produzir fanatismo, por querer ligações disfarçadas entre a Igreja e o Estado, por ser uma experiência inédita e sem garantia do êxito (cf. *O Puritano*, 25.1.1937, p. 3).¹²

O protestantismo apresentava uma face liberal no Brasil da década de 1930 e interpretava a educação e a liberdade econômica como sendo a chave do progresso dos povos. Nesse sentido, alinhava-se com os agrupamentos mais liberais da República brasileira. Um exemplo disso é a renovação educacional proposta pelos educadores ligados ao manifesto da Escola Nova, de 1932. Esse manifesto se apoiava na filosofia educacional de John Dewey, a mesma filosofia implantada na Escola Americana de São Paulo (Presbiteriana). O manifesto da Escola Nova recebeu a condenação de Alceu Amoroso Lima, o líder da Ação Católica:

[...] e não precisou do filósofo Dewey ou do pedagogo Ferrière, para descobrir o que lhe ensinava o seu coração de homem e sua vida de santo, em comunhão íntima com a natureza inanimada e com as almas dos seus discípulos do novo mundo, pagãos ou filhos de cristãos. Mas, se hoje, tantos modernos se satisfazem com um bom método, esquecendo tudo mais, não caía nesse terrível erro o nosso primeiro mestre. E o complemento indefectível das aulas de artes ou de latim, de humanidades ou de casos de consciência, era sempre o conhecimento e o amor de Deus, a *ciência da salvação* que os modernos esquecem e sem a qual toda a sua pedagogia de eruditos não passa de um pedantismo vão.¹³

Essa face progressista dos evangélicos brasileiros não era sem contradição, pois eles tinham importantes comunidades no meio rural, geralmente conservadoras no que diz respeito aos costumes e às idéias. Os agrupamentos liberais representavam o segmento urbano e intelectualizado das igrejas evangélicas e estavam em contato com o pensamento das igrejas européias e americanas, principalmente as “igrejas do Norte”¹⁴ dos Estados Unidos. A disputa entre liberais e conservadores levou algumas igrejas à divisão. As que mais sofreram com esse debate foram a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) e a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB).

Um pequeno agrupamento de pastores liberais lançou o *Manifesto* em 1941, o que os levou a saírem da IPIB no ano seguinte. Formaram a Igreja Cristã de São Paulo. Dessa igreja fizeram parte Othoniel Motta (fundador da Associação Evangélica Beneficente - AEB), Epaminondas Melo do Amaral (fundador da Confederação Evangélica do Brasil - CEB), Eduardo Pereira de Magalhães, Ruy Gutierrez (que foi o principal líder espiritual da Igreja), Theodoro

¹² SOUZA, Silas Luiz. *Pensamento social e político no protestantismo brasileiro*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006, p. 73.

¹³ LIMA, Alceu Amoroso. *Pela Ação Católica*. Rio de Janeiro: Ed. da Biblioteca Anchieta, 1935, p. 136.

¹⁴ As principais igrejas protestantes americanas estavam divididas entre igrejas do Norte e igrejas do Sul desde a Guerra da Secessão. Geralmente, as igrejas do Norte eram mais liberais teologicamente que as igrejas do Sul.

Henrique Maurer Júnior, Livio Teixeira e Nicolau Salum (os três últimos eram professores da USP). Esse agrupamento publicava o seu pensamento no jornal *Cristianismo*, que se tornou um dos mais importantes jornais de divulgação dos ideais políticos e sociais do protestantismo na década de 1950. No Manifesto Liberal, já acenavam para a posição política que os inspirava:

O nosso liberalismo é, fundamentalmente, um espírito, uma atitude, uma tendência que nos leva a encarar de um ponto de vista largo e tolerante os problemas religiosos. O espírito liberal procura manter-se emancipado; livre, e só escravo de Jesus Cristo; pronto a sempre aceitar a verdade, venha de onde vier, e a rever sua própria posição, quando uma nova luz se anuncie.¹⁵

Apesar das disputas que até aqui mencionamos, acontecia uma aproximação de interesses entre católicos e protestantes em relação à defesa da democracia como um valor. Enquanto para o protestantismo proveniente dos Estados Unidos da América a democracia fazia parte da sua plataforma política, para o catolicismo a democracia foi um conceito que se tornou parte do seu discurso depois das experiências autoritárias do período de três décadas em que ocorreram as duas Guerras Mundiais (1914-1945).

Acolhendo a convicção dos grandes democratas como o sacerdote Luigi Sturzo, Alcide de Gasperi – ambos fundadores do Partido Popolare Italiano em 1918, o qual teve que ser dissolvido sob Benito Mussolini – e do brilhante filósofo francês Jacques Maritain, que chegou a ser embaixador da França no Vaticano – incorporou definitivamente o pensamento social católico ao ideal democrático de governo. O documento clássico nessa matéria é a mensagem de rádio *Benignitas et humanitas* de 24 de dezembro de 1944, quando a humanidade estava prestes a celebrar mais um Natal, em meio aos horrores da guerra. Era necessário pensar no futuro e Pio XII exortou os povos a organizar a convivência segundo o “espírito democrático”, libertário, igualitário e participativo. Esse seria o único que poderia assegurar o respeito pela dignidade da pessoa humana e seus direitos e obrigações fundamentais.¹⁶

O processo de reconstrução democrática do pós-guerra exigia uma nova postura dos católicos, que participaram do novo tempo com a formação dos diversos partidos da democracia cristã em várias partes do mundo, como também na América Latina. No Brasil, a democracia cristã foi a opção de Alceu Amoroso Lima, que juntamente com Eduardo Frei fundou o Movimento Democrata Cristão na América Latina. Contudo, a Igreja Católica se manteve, no Brasil, em uma postura suprapartidária no pós-guerra.

A Ação Católica, irradiação social contínua da missão espiritual da Igreja, fora e acima dos partidos, trazendo os fiéis ao cumprimento mais afetivo de seus deveres de participação no apostolado sacerdotal – é no século em que

¹⁵ MANIFESTO (1941). In: LIMA, Éber Ferreira Silveira. *In Medio Virtus: posturas ideológicas e políticas da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil ao tempo da ditadura de Vargas – 1930-1945*. Dissertação de Mestrado. Londrina: UEL, 2002, p. 135.

¹⁶ GUTIERREZ, Exequiel R. *De Leão XIII a João Paulo II: Cem anos de doutrina social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 41.

vivemos memorável e visível demonstração da irradiante e eterna juventude do Corpo Místico do Cristo.¹⁷

A opção pela democracia foi um passo no caminho da aproximação entre setores protestantes e católicos. Mackay, que no seu *El otro Cristo español*, já havia sugerido a aproximação dos evangélicos com o agrupamento católico nacionalista e liberal, apontou como modelo da política a ser seguida pelo protestantismo na América Latina aquela elaborada por Haya de la Torre, da Aliança Popular Revolucionária Americana (Apra).¹⁸ No seu agrupamento mais liberal, o protestantismo latino-americano, começou a absorver no seu ideário as críticas anti-imperialistas de vários segmentos do pensamento latino-americano e passou a defender um nacionalismo com justiça social, que nesse tempo tinha como propostas a defesa dos direitos trabalhistas e a realização da reforma agrária.

Al presente, la vida política de la América Latina encierra un portento y una promesa. El portento es Perón, el gobernante de la Argentina, quien inspirado por ele sueño de revivir la España Colonial en el siglo XX, trata de imponer un patrón totalitario a la vida pública y a todas las instituciones de la sociedad. Perón desearía continuar la tradición de Felipe II y realizar el frustrado destino de la raza española en el mundo occidental. La promesa es Haya de la Torre, el jefe del partido Aprista en el Perú. Hombre que representa, en términos actuales, el ideal político de Bolívar, es decir, de constituir en las Américas una federación de pueblos libres. Con su famosa divisa “ni libertad sin pan, ni pan sin libertad”, Haya de la Torre es en la actualidad la figura más inteligente y vigorosa de la política latinoamericana fuera de Argentina. Lo que él sostiene representa un baluarte tanto contra el fascismo como contra el comunismo, en el orden político latinoamericano. Perón fue influido por un grupo de clérigos católicos de mentalidad fascista; Haya de la Torre fue influida por la lectura de la Biblia y por amigos evangélicos.¹⁹

A revista *La Nueva Democracia*, editada pelo Comitê de Cooperação para a América Latina (CCAL), optou por uma linha política semelhante, sendo que Samuel Guy Inmann, seu editor, foi um combatente contra o imperialismo americano.

Mientras que la agudización de la crisis capitalista no repercute en las clases proletarias norteamericanas, hasta despertar en ellas solidaridad con los

¹⁷ LIMA, Alceu Amoroso. *Pela Ação Católica*. Rio de Janeiro: Ed. da Biblioteca Anchieta, 1935, p. 246.

¹⁸ El Aprismo es por esencia el Partido de la Concertación, porque desde 1930 planteó la creación del Congreso Económico Nacional para reunir al capital, al trabajo y al estado a fin de responder de manera técnica y científica a los problemas de la inversión, el empleo y el aprovechamiento de los recursos para el desarrollo.[...] En síntesis, el Aprismo es justicia social, soberanía nacional, estado comprometido con las mayorías y los consumidores, integración continental y alianza de las clases productoras. Haya de la Torre fue un visionario del futuro del continente. Sus propuestas por la afirmación democrática y la integración continental hechas en épocas de pequeños nacionalismos y dictaduras, son hoy compartidas por la inmensa mayoría. Disponível em: <<http://www.apra.org.pe/porqueseraprista.asp#2>>. Acesso em: 29 jan. 2007.

¹⁹ MACKAY, Juan. Iberoamerica revisitada. *Theology Today*, vol. III, n. 4. In: Apêndice à edição espanhola de *El otro Cristo Español*. México: Casa Bautista de Publicaciones, 1952, p.274.

trabajadores de Indoamérica, nuestra causa antimperialista necesita mucho de sus aliados intelectuales en los Estados Unidos. Hasta ahora los mejores libros contra el imperialismo norteamericano - digámoslo con franqueza - han aparecido en Norteamérica. Y vale recordar que si todavía hallamos en nuestros países, políticos y "patriotas" que niegan la existencia del imperialismo y sus peligros, son los mismos intelectuales norteamericanos los que nos lo advierten. Para quienes lo duden, copio estos párrafos enérgicos escritos por Mr. Samuel Guy Inman, catedrático de la Universidad de Columbia: "En los más pequeños países de la América Latina, controlados por nuestros soldados, nuestros banqueros y nuestros reyes del petróleo, nosotros los norteamericanos estamos desarrollando nuestras Irlandas, nuestros Egiptos y nuestras Indias. La política de los Estados Unidos en América Latina, con su combinación de pagarés, de sus barcos de guerra y de su diplomacia del dólar, es esencialmente imperialista y significa la destrucción de nuestra propia nación, exactamente como se destruyeron Egipto, Roma, España y Alemania, y todas las otras naciones que quisieron medir su grandeza por sus posesiones materiales, antes bien que por su pasión por la justicia y por el número de sus vecinos amigos".²⁰

Esse grupo de intelectuais europeus e americanos que atuaram como missionários na América Latina estavam entre os primeiros teólogos protestantes no continente. Mackay teve uma influência maior no Brasil por causa da sua atuação junto aos movimentos de estudantes cristãos. Quando missionário, fundou o colégio Anglo-peruano, no Peru, e também foi professor na Universidade de San Marcos, em Lima. Depois da sua experiência como missionário (1916-1925), foi convidado para presidir a Asociación de Jóvenes Cristianos Sudamericanos (ACM), com sede em Montevidéu e depois no México (1926-1928). Em 1932, tornou-se o secretário de Missões da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos para América Latina e África. Posteriormente, em 1936, assumiu a presidência do Seminário Teológico de Princeton, um dos mais importantes seminários americanos, ligado a Igreja Presbiteriana. Mackay foi presidente desse seminário por 23 anos. E foi um dos mais importantes articuladores da formação do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), em 1948, em Amsterdã, na Holanda.

O pós-guerra foi o período da reconstrução da ordem internacional. Surgiu a Organização das Nações Unidas (ONU, 1945), com o propósito de estabelecer uma nova ordem de convívio internacional entre as nações. Em 1948, foi aprovada a declaração dos Direitos Humanos pela ONU, mudando o direito internacional no que diz respeito aos direitos individuais e estabelecendo um programa humanitário para a recém-criada instituição internacional. E nesse mesmo ano foi criado o Conselho Mundial de Igrejas, com a participação de 147 igrejas.

Apesar dos esforços para a construção de um mundo novo no pós-guerra, havia a divisão entre Estados Unidos e União Soviética. Foi no contexto da Guerra Fria que o projeto ecumênico do Conselho Mundial de Igrejas começou a ser construído. Ele se desenvolveu a partir de uma negação: nem capitalista e nem comunista. O problema das posições intermediárias ou que se propõem à superação são os ataques desferidos tanto pela esquerda quanto pela direita. Foi o que aconteceu com o CMI já no seu nascedouro, recebendo o violento ataque do movimento fundamentalista, que no mesmo ano e na mesma cidade de Amsterdã fundou uma outra instituição de unidade de igrejas com o objetivo de combater o projeto do CMI. Essa outra instituição era o Conselho Internacional de Igrejas Cristãs (Ciic), dirigido pelo reverendo Carl McIntire.

²⁰ HAYA DE LA TORRE, Victor Raúl. *El Antiimperialismo y el Apra*. Disponível em: <<http://antimperialismo.tripod.com/id13.html>>. Acesso em 29 jan. 2007.

No Brasil, além das igrejas filiadas, o projeto do CMI teve o apoio dos estudantes evangélicos reunidos na União Cristã de Estudantes do Brasil (Uceb) e pela pequena Igreja Cristã de São Paulo, que reuniu os liberais dissidentes da Ipb que fundaram o jornal *Cristianismo*. Esse jornal estampava no seu frontispício a informação de que se tratava de um “órgão de renovação espiritual e orientação ecumênica” e que sucedia dois outros jornais evangélicos, *O Mundo Cristão* e *Cooperador Cristão*. Fundado em 1949, *Cristianismo* teve como seus editores, entre outros, Epaminondas Melo do Amaral e Ernesto Thenn de Barros.

O grupo que se reuniu em torno da Igreja Cristã de São Paulo, o movimento de estudantes evangélicos que se organizou na Uceb e alguns setores da Confederação Evangélica do Brasil (CEB) desenvolveram preocupação em relação aos problemas políticos e sociais. Em 1953, João Del Nero publicou no *Cristianismo* o artigo “Ecumenismo e o problema social”, em que reconheceu os elementos para o diálogo ecumênico no Brasil:

Mesmo que não seja possível – e talvez nem seja desejável – a unidade orgânica das igrejas, *devem os cristãos procurar por em prática, em todas as esferas da vida, um cristianismo integral, uno e dinâmico*. E é neste plano que se darão as mãos, fraternalmente, todos os cristãos, não obstante suas divergências no plano doutrinário, para que seja feita na terra, a vontade do Pai e se cumpra a prece do divino Mestre: “para que todos sejam um; para que o mundo creia”.²¹

Apesar da crescente idéia da participação dos evangélicos na vida social e política do país, era a idéia associativista que prevalecia. Na mesma edição do jornal, há uma reportagem sobre o trabalho da Cooperativa de Consumo São Paulo. Essa cooperativa seguia as idéias do reformador social Toyohiko Kagawa, japonês convertido ao cristianismo que lutou para que as igrejas evangélicas japonesas atuassem a favor dos pobres e auxiliasse na formação de cooperativas como alternativa ao capitalismo e ao comunismo. A iniciativa da Cooperativa de Consumo São Paulo era do professor Henrique Maurer Junior.²² O período do pós guerra era caracterizado pelo Jornal *Cristianismo* como um tempo de rápidas transformações.

Não havia diálogo ainda entre protestantes e católicos no Brasil. Seguindo a intuição de Mackay, os articuladores do *Cristianismo* procuraram mostrar a outra Igreja Católica, que procurava viver os valores evangélicos de uma forma comprometida com o povo. Os exemplos eram tirados geralmente da Igreja Católica francesa, com seus padres operários e os teólogos defensores dos movimentos laicos.

Pio X fez a convocação dos católicos para a ação social na sua encíclica *E Supremi* (1903). Também expôs as linhas gerais dessa ação na encíclica *Il fermo proposito* (1905). A Ação Católica era uma obra essencialmente leiga e teve grandes desdobramentos em todo o mundo católico. Na Itália, o crescimento da Ação Católica foi tão expressivo que foi proibida a sua organização por causa da sua força política, o que levou Pio XI a protestar, na sua encíclica *Non abbiamo bisogno* (1931), contra as medidas autoritárias do regime fascista. Para Pio XI, a Ação Católica era a participação do leigo no apostolado hierárquico.²³

²¹ DEL NERO, João. Ecumenismo e o problema social. *Cristianismo*, São Paulo, ano V, n. 54, dez. 1953, p. 3, grifos nossos.

²² Uma cooperativa em ação. *Cristianismo*, São Paulo, ano VI, n. 61, jul. 1954, p. 5.

²³ *Documentos de Pio XI: 1922-1939*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 338.

Depois da Segunda Guerra Mundial, a Ação Católica se organizou no Brasil a partir da idéia do apostolado especializado nos padrões franceses e belgas. A primeira organização reconhecida pela hierarquia em escala nacional foi a Juventude Operária Católica (JOC, 1948). Depois, em 1950, vieram a Juventude Agrária Católica (JAC), os dois ramos estudantis – Juventude Universitária Católica (JUC) e Juventude Estudantil Católica (JEC) –, e a Juventude Independente Católica (JIC).

A grande mudança no cenário religioso ocorreu com o pontificado de João XXIII. Em 1958, o papa João XXIII assumiu o pontificado da Igreja Católica Romana. Em 1962, instalou o Concílio Ecumênico Vaticano II, que provocou uma “revolução” na Igreja Católica e trouxe diversas implicações para o pensamento social e político. As mudanças ocorridas nessa época transformaram o pensamento sociopolítico de muitos que estavam engajados na vida religiosa e social do Brasil, como relata em tom de desabafo e ironia o líder católico Alceu Amoroso Lima em carta a sua filha quando da abertura do Concílio Vaticano II:

[...] se o Jackson vivesse. Que teria havido? Não teria eu evoluído, como evoluí, em direção da esquerda (como dizem...) ou teria ele também evoluído, no sentido de João XXIII e sua “abertura a sinistra”, se é que se pode dizer. Como fico tremendo quando penso nisso: a terrível hipótese de uma moléstia realmente mortal do Papa e de um *coup de barre à droite*, como o que vinha prevalecendo com a importância cada vez maior da Cúria e do Santo Ofício, nos últimos anos do Pontificado de Pio XII. Será que, depois do espírito de conciliação, vamos voltar ao espírito de inconciliação?²⁴

Uma nova perspectiva aproximou os diversos setores da sociedade: como enfrentar os novos tempos de mudança que aconteciam no mundo? A mudança era algo que já fazia parte do cotidiano, mas todos estavam a espera de algo mais grandioso que chamavam de *revolução*. O tema da Revolução de certa forma acabou aproximando protestantes e católicos: os favoráveis as mudanças se aliaram em torno do movimento ecumênico e dos movimentos populares, enquanto que os contrários as transformações se aliaram no apoio a ditadura militar.

²⁴ LIMA, Alceu Amoroso. *João XXIII*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966, p.104.